

O COMPROMETIMENTO ACADÊMICO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 EM ESTUDANTES BRASILEIROS DO ENSINO SUPERIOR

ACADEMIC COMMITMENT IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC IN BRAZILIAN HIGHER EDUCATION STUDENTS

Andreia Osti

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Campinas/Brasil).
Professora na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (São Paulo/Brasil).
E-mail: andreia.osti@unesp.br

José Airton de Freitas Pontes Júnior

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (Fortaleza/Brasil).
Professor assistente da Universidade Estadual do Ceará (Fortaleza/Brasil).
E-mail: jose.airton@uece.br

Leandro da Silva Almeida

Doutor em Psicologia pela Universidade do Porto (Porto/Portugal).
Professor no Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga/Portugal).
E-mail: leandro@ie.uminho.pt

Recebido em: 24 de abril de 2021

Aprovado em: 15 de julho de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 18 | n. 3 | p. 275-292 | set./dez. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v3.2676>

RESUMO

O presente artigo buscou compreender em qual grau o atual cenário de pandemia afetou o envolvimento nas atividades de aprendizagem por parte dos estudantes do ensino superior, devido às alterações nas formas de contato entre estudantes e docentes no contexto acadêmico, e, também, a opção generalizada pelo ensino remoto nas atividades letivas. Participaram do estudo 1.452 estudantes universitários brasileiros, matriculados entre o primeiro e último ano, frequentando cursos das três grandes áreas da CAPES: Ciências Exatas e Tecnológicas, Ciências da Vida e Ciências Humanas. O questionário incluía questões fechadas e abertas, sendo aplicado de modo on-line, tendo como objetivo identificar como o cenário de pandemia comprometeu o engajamento dos estudantes nas atividades de aprendizagem. Especificamente, buscou-se identificar como os estudantes organizam os seus estudos, as horas semanais que dedicam à aprendizagem e os sentimentos vivenciados nesse contexto pandêmico. Espera-se, com essa pesquisa, conhecer as vivências acadêmicas dos estudantes neste novo ambiente educacional, seus níveis de satisfação e engajamento, auxiliando no planejamento de ações e serviços de atendimento aos estudantes dentro da nova realidade de distanciamento social e de ensino a distância imposto pela pandemia.

Palavras-chave: Ensino Superior. Pandemia. Ensino remoto. Engajamento. Satisfação.

ABSTRACT

The present article sought to understand to what degree the current pandemic scenario has affected the involvement in learning activities by higher education students because of changes in the ways of contact between students and teachers in the academic context and also because of the general migration to remote learning. The research surveyed 1,452 Brazilian university students, enrolled between the first and last year, taking courses in the three major areas of CAPES: Exact and Technological Sciences, Life Sciences, and Human Sciences participated in the study. The questionnaire included open and closed questions applied online, aiming to identify how the pandemic scenario has affected the students' engagement in learning activities. Specifically, we sought to identify how students organize their studies, the weekly hours they dedicate to learning and the feelings experienced in this pandemic context. It is expected, with this research, to analyze the academic experiences of students in this new educational environment, their levels of satisfaction and engagement, assisting in the planning of actions and services for students within the new reality of social distance and distance learning imposed by the pandemic.

Keywords: Higher Education. Pandemic. Remote teaching. Engagement. Satisfaction.

1 INTRODUÇÃO

A vida acadêmica é comumente marcada por um conjunto de oportunidades, tensões e vivências muito variadas. O estudante universitário necessita lidar com uma série de exigências e, desde logo, ser responsável por si mesmo, tanto em relação a novas rotinas de vida quanto em gerenciar suas tarefas escolares e recursos econômicos, entre outras. Nesse sentido, alguns estudantes apresentam mais dificuldades em responder de forma positiva e autônoma a tais desafios, nomeadamente quando apresentam baixos níveis de autonomia e quando não têm retaguarda familiar ou de amigos, carecendo, por vezes, do apoio de serviços especializados por parte das instituições para permanecerem e terem êxito acadêmico (ARAÚJO, 2017; CASANOVA; ARAÚJO; ALMEIDA, 2020; SOARES *et al.*, 2018).

Dado o atual contexto social frente à pandemia do Covid-19, que reduziu e alterou substancialmente a forma de contato entre as pessoas na universidade e que está exigindo uma readequação em relação às formas de ensino e às estratégias de aprendizagem, foi adotado o ensino remoto adotado pela generalidade das instituições. Nesse quadro, importa conhecer como este novo contexto comprometeu a capacidade de envolvimento em atividades de aprendizagem por parte dos estudantes universitários de forma a aumentar as condições de sucesso acadêmico, mormente por parte dos estudantes com menos recursos socioeconômicos.

A pandemia afetou mundialmente diferentes regiões e, em termos educacionais, impactou toda a sociedade. Em se tratando das universidades, provocou a exigência de uma nova reorganização das atividades de ensino-aprendizagem com a opção pela não realização de atividades letivas presenciais e pela generalização do ensino a distância. Isso exigiu dos professores, dos alunos e dos funcionários uma readequação na forma de lidar com a situação e de agir para atender as demandas institucionais. Seguramente, essas mudanças exigiram dos estudantes novas formas de organizar o seu estudo e de realizar as suas rotinas acadêmicas, importando conhecer como tudo isso impacta na sua permanência na universidade e no sucesso acadêmico.

A perda ou a significativa redução do contato presencial entre professores e estudantes, ou inclusive entre estudantes, é sem dúvida uma das mais marcantes conseqüências do distanciamento social provocado pela pandemia. No Brasil, o Conselho Nacional de Educação (CNE) apontou a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da Covid-19 e estabeleceu, pela Medida Provisória nº 934, normas excepcionais sobre o ano letivo desde a educação básica até o ensino superior. As medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, exigiu uma reorganização em termos materiais, emocionais e relacionais.

Em consequência da pandemia, as instituições de ensino precisaram encontrar novos processos metodológicos para se adequarem ao cenário imposto pelo Covid-19. O relatório *Retratos da Educação no contexto da Pandemia do Coronavírus (2020)* afirma que a suspensão das aulas presenciais trouxe imensos desafios para a educação brasileira em brevíssimo tempo e sem as condições necessárias. De uma maneira geral, foi necessário assegurar equipamentos, sinal de rede e formação rápida de docentes e de estudantes para manter a oferta de conteúdos e a garantia mínima de relacionamentos e aprendizagens bem como para a realização das atividades de avaliação. Essa situação ocorreu também internacionalmente.

Dadas as diferentes realidades sociais e econômicas, autores como Pery, Jamal e Moda (2020) constataram as imensas assimetrias entre diferentes regiões e reconhecem que esse processo foi conduzido de forma bastante diferenciada, tanto dentro do Brasil quanto tomando a diversidade de países. Em todos eles, os professores compartilharam de várias inseguranças em relação às questões mais técnicas, como, por exemplo, dar a aula on-line, gravar vídeos em televisão, preparar materiais que possam ser compartilhados com os alunos e realizar as avaliações, entre outros. Sobretudo, foi estressante a necessidade dessa mudança de práticas ter ocorrido de forma muito rápida num curto intervalo de tempo, sem preparação prévia, buscando garantir a continuidade das aulas e a permanência dos estudantes nos seus cursos.

O ensino virtual exigiu a combinação de tecnologias e direcionou o estudo antes coletivo, em sala de aula, para o estudo muitas vezes individual e solitário, com poucas oportunidades de interação entre colegas e entre alunos e professores. Essa dependência dos meios tecnológicos, segundo Custelo (2020), trouxe à tona as dificuldades de quem não dispõe dos recursos financeiros e materiais, por exemplo. Especificamente em relação aos problemas enfrentados pelos estudantes, Chitata e Nhampinga (2020) destacam a qualidade de ensino que, para muitos, não foi das melhores, em vários casos, dada a ausência de uma interação presencial. Outra questão foi a falta de meios ou o não domínio deles por professores e estudantes para aceder adequadamente às matérias e às plataformas de ensino. Nessas circunstâncias antecipa-se decréscimo nos níveis de satisfação e de engajamento dos estudantes, sabendo-se da relevância da qualidade das aulas e dos métodos de ensino dos professores para a satisfação dos estudantes (HIRSCH, 2015).

O novo modelo de ensino, para Chitata e Nhampinga (2020), buscou fornecer uma educação aberta e permanente por meio da superação das distâncias entre docentes e alunos via situações não convencionais. Uma questão intrigante em relação ao ensino no período do estado de emergência é a alteração do contrato pedagógico e o sistema mínimo didático, que substitui a sala de aula e o contato

presencial por uma tela de computador (celular ou equivalente), assim como as novas exigências de recursos materiais e financeiros, horários “flexíveis” e necessidade de capacidade de manuseio de TICs e de autoaprendizagem. Esses aspectos diretamente afetam um elemento importante no processo de ensino-aprendizagem escolar, a avaliação, cujos resultados se tornam incógnita entre os envolvidos. Independentemente da importância que lhe é atribuída, todo o estudante deseja saber como vai ser avaliado e todo o professor deseja que a sua avaliação seja séria e justa.

Esse conjunto alargado de desafios e de dificuldades diferenciou-se, ainda, em função dos cursos de graduação. Disciplinas mais teóricas podem ter conseguido uma melhor facilidade em trabalhar os textos e teorias, enquanto disciplinas práticas e os estágios exigiram uma organização diferenciada. Alguns estudantes que usavam o celular para acompanhar as aulas podem ter tido muito mais dificuldade, caso a disciplina, por sua natureza, tivesse conteúdos que dificilmente poderiam ser abordados a partir do telefone, exigindo o uso do computador como um aparelho mais adequado para suportar todas as funcionalidades e aplicativos exigidos (CHITATA; NHAMPINGA, 2020).

Todas essas questões conduzem a pensar sobre como o estudante universitário conseguiu se organizar e com que níveis de satisfação e de engajamento às novas realidades do ensino. Assumindo que a satisfação acadêmica, segundo Almeida (2007, 2019), se entende como uma variável da qualidade da vida acadêmica de um estudante, envolvendo o seu bem-estar, seu engajamento e sua realização pessoal e profissional enquanto estudante, é decisivo haver estudos caracterizando as vivências acadêmicas dos estudantes do ensino superior neste período pandêmico. A satisfação que os estudantes têm nas suas vivências acadêmicas são decisivas para o seu envolvimento nas tarefas curriculares e extracurriculares na instituição, impactando dessa forma no seu desenvolvimento psicossocial, no seu sucesso ou fracasso e na sua permanência ou abandono (OSTI; ALMEIDA; CHICO; OLIVEIRA, 2020; OSTI; CHICO; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2020; OSTI; ALMEIDA, 2019; GREBENNIKOV; SHAH, 2013).

O envolvimento do estudante, de acordo com Hu e Kuh (2002), depende de uma série de fatores que vão desde a autoeficácia em relação às exigências do ensino superior, aos sentimentos de bem-estar e à qualidade da infraestrutura e dos serviços ofertados pela instituição. Vários autores (ARAÚJO, 2017; GREBENNIKOV; SHAH, 2013; MAGALHÃES; MACHADO; SÁ, 2012; OSTI; CHICO; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2020) apontam a necessidade de mais investigação sobre os comportamentos, as atitudes, os afetos e as percepções dos estudantes sobre sua vida universitária, nomeadamente sobre os níveis de sua satisfação e de seu engajamento acadêmico. Na situação de isolamento e de ensino a distância, todos esses aspectos foram alterados e por isso merecem especial atenção por parte dos professores e das instituições de ensino superior.

A pandemia exigiu alterações rápidas e profundas no normal funcionamento da vida acadêmica em relação aos serviços, aos professores e aos estudantes. Sobretudo importante para favorecer a permanência e o sucesso acadêmico dos estudantes é compreender como os estudantes organizaram a sua aprendizagem, como assistiram às aulas, se leram os textos e realizaram os trabalhos individuais e de grupo, entre outros aspectos. Importante, também, incluir os sentimentos associados a tais práticas, pela sua relevância no processo de aprendizagem (RODRIGUES; CRUZ, 2009), sendo certo que o contexto do isolamento social terá gerado alguns sentimentos positivos, mas seguramente mais sentimentos negativos (por exemplo, insegurança, tristeza, raiva, desprezo, medo e pessimismo).

Nesse enquadramento, o objetivo geral desta pesquisa centrou-se em compreender o comprometimento e a capacidade de envolvimento em atividades de aprendizagem dos estudantes universitários no ensino superior na situação de pandemia do Covid-19. Em particular, interessa-nos saber (i) em que grau o atual cenário de pandemia compromete a capacidade de engajamento dos estudantes em atividades de aprendizagem; (ii) as circunstâncias e os meios pelos quais os estudantes têm acesso cotidiano a aulas e a informações sobre o curso e instituição; (iii) os sentimentos positivos e negativos dos alunos em relação à realização de atividades remotas para a continuidade do ano letivo; (iv) os fatores que envolvem a satisfação e o engajamento dos estudantes com a vida acadêmica no contexto da pandemia da Covid-19.

1.1 MÉTODO

Participantes

Participaram 1.452 estudantes brasileiros da graduação em diferentes cursos das três grandes áreas: Humanas (62,8%), Vida/Biológicas (21,2%) e Exatas (16,1%). As idades dos participantes foram categorizadas em quatro faixas etárias: até 20 anos (26,1%), entre 21 e 24 (38,2%), de 25 a 34 (19,7%) e mais de 35 anos (13,6%). Por outro lado, os participantes eram majoritariamente do sexo feminino (65,7%). A origem geográfica desses estudantes é correspondente aos Estados do Ceará e São Paulo e 25,7% estava frequentando o primeiro ano do curso, 23,3%, o segundo, 14,7%, o terceiro, 19,3%, o quarto, e 16,9% eram do quinto ano ou superior a esse.

Instrumento

Os estudantes responderam a um questionário elaborado pelos autores, preparado para uma aplicação on-line, construído e administrado, usando-se a ferramenta *Google Forms*. O questionário foi constituído por um conjunto de questões, majoritariamente de escolha múltipla, mas que havia complemento para uma resposta descritiva, caso fosse vontade do participante. As questões abarcavam diferentes aspectos

da sua experiência acadêmica no período da pandemia da Covid-19, em particular a sua vivência do ensino remoto. O questionário limitava o número de respostas a uma, por estudante.

Procedimentos de coleta e análise

Trata-se de um estudo de natureza quantitativa, que faz parte de um projeto maior que está sendo realizado entre São Paulo, Ceará e Portugal, tendo aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP (Parecer: 3.011.244). O questionário foi enviado e aplicado via internet. Os participantes puderam responder a partir de qualquer computador com acesso à internet e, inclusive, de telefones celulares, por meio do *link* encaminhado pelos pesquisadores.

Os estudantes foram informados dos objetivos do estudo e da sua natureza confidencial. Por outro lado, assegurou-se o anonimato em virtude das questões sociodemográficas serem gerais e não permitirem identificar os estudantes. Foi deixada ao estudante a liberdade de participar, agradecendo-se a sua participação voluntária e honesta às questões colocadas.

A análise dos dados é essencialmente descritiva e feita por meio de aplicativos estatísticos do Excel e SPSS/IBM. As análises realizadas procuraram respeitar a natureza métrica das medidas, desde variáveis mais classificativas (nominais) até variáveis intervalares (paramétricas). Além disso, foram feitas comparações de médias via Teste t de Student e cruzamentos com o Teste do Qui-quadrado, ambos considerando como significância o valor de p menor que 0,05.

1.2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo em vista uma melhor sistematização da informação, os resultados aqui apresentados estão divididos em seis categorias, são eles: a) capacidade de engajamento, b) estrutura familiar e doméstica, c) tempo dedicado aos estudos, d) informações sobre a situação acadêmica, e) fatores emocionais que afetam o acadêmico e f) diferenças em função da idade e do sexo.

a) Capacidade de engajamento

Em relação à capacidade de engajamento dos estudantes em atividades de aprendizagem, constatou-se que, quanto ao estado físico e mental, 6,1% deles não conseguiram acompanhar nenhuma atividade de forma on-line, 59,6% acompanharam parcialmente as aulas e 34,3% conseguiram continuar com as atividades normalmente. Aqui as justificativas se basearam em não ter saúde mental e física para ficar tanto tempo na frente de uma tela, o fato de ser muito difícil não ter contato com os demais colegas do curso, de a sala de aula ter sido transferida para dentro de casa, do conflito com outras rotinas domésticas e com a convivência de pessoas da família, que nem sempre entendem as tarefas, exigências e trabalhos que envolvem o ensino superior.

Essas vivências desfavoráveis ao seu envolvimento acadêmico foram fatores que contribuíram para elevado grau de estresse cotidiano e insatisfação, podendo esse estresse ser mais elevado no grupo das mulheres (IORIO; SILVA; FONSECA, 2020). Interessante observar que, quando olhamos para os estudantes pela perspectiva do ano de curso, verifica-se que os que estão no 4º ano tiveram uma dedicação maior nas aulas on-line (39,4%), quando comparados aos estudantes do 2º ano (25,2%). Inversamente, observou-se que 98,9% dos estudantes do 2º ano não acompanharam as aulas on-line, o que só ocorreu em 1,8% dos estudantes do 4º ano. Esses dados permitem inferir que os estudantes que estão na fase final da graduação tiveram, apesar de toda situação vivenciada, uma maior tendência a persistir no curso e a realizar as atividades acadêmicas inerentes, sugerindo mais dificuldades por parte dos estudantes com menos experiência de ensino superior.

A capacidade de engajamento também foi comprometida em razão das condições materiais que os estudantes dispunham para realizar as atividades remotas, tais como ter rede de internet, celular, *notebook* ou ter um espaço físico para estudar, dentre outros. Verificou-se que 3,4% dos estudantes não conseguiram participar das atividades remotas pela falta de recursos, 34,6% participaram parcialmente e 62% tiveram participação satisfatória nas aulas remotas. O participar parcialmente dependeu muito da rede de internet e região em que o estudante residia, pois alguns apresentaram muitos problemas de conexão para permanecer on-line ou não tinham um equipamento adequado para fazer os trabalhos ou assistir às vídeos-aulas.

De acordo com os dados recolhidos, destaca-se que vários estudantes não dispunham nem de internet ou de *notebook*. Essa situação ganha maior expressão junto dos estudantes de baixa renda que, na universidade, contam com auxílio emergencial (remuneração mensal para ajuda de custo) e outros que dependem da moradia estudantil para viver próximo à universidade. É de se salientar que o conhecimento dessa situação levou várias universidades públicas brasileiras a buscarem recursos para fornecer internet a esse grupo durante a pandemia. Algumas buscaram levantar, dentro de sua própria instituição, por meio de uma ação conjunta entre professores e funcionários, a doação de *notebooks* e computadores, outras fizeram parcerias com empresas para que *notebooks* fossem comprados e distribuídos a esses estudantes. O reconhecimento dessas dificuldades levou algumas universidades brasileiras a demoraram alguns meses para dar continuidade ao semestre letivo, isso porque não era permitido continuar sem garantir minimamente a todos os estudantes as mesmas condições materiais, o que reflete diretamente no seu sucesso acadêmico e na sua permanência.

b) Estrutura familiar e doméstica

Um outro fator que teve impacto sobre o engajamento dos estudantes foi relativo à estrutura familiar e doméstica. Foi feito um levantamento sobre com quem esses estudantes estavam residindo e 90,8% estavam a viver em suas residências junto de seus familiares, 3,9% estavam a viver sozinhos, mas mantinham contato com familiares, 2,8% viviam sozinhos e estavam sem contatos com familiares ou amigos, e 1,9% estavam a viver com amigos. Dentro desse contexto, questionou-se sobre o espaço de que os estudantes dispunham para estudar. Os dados revelaram que 30,3% compartilhavam um lugar como cozinha ou sala, ou seja, não tinham um lugar específico em que pudessem estar sozinhos para estudar. Outros 41,9% compartilhavam um espaço com menor circulação de pessoas, como o quarto, mas ainda era um espaço dividido, na maioria das vezes, com irmãos ou amigos. Apenas 27,8% dispunham de um espaço totalmente individual e privativo para os estudos, como o quarto ou um escritório. Analisando essas respostas sobre residência pela variável idade dos estudantes, constata-se que os mais jovens estavam a morar com seus familiares (93,6% dos que têm até 20 anos e 90,6% dos que têm entre 21 e 24 anos), enquanto 4,2% dos entre 25 a 34 anos estavam a morar sozinhos, assim como 8,2% dos que têm mais de 35 anos.

Especialmente em relação à organização dos estudos e aos compromissos acadêmicos, 51,9% dos estudantes não conseguiram manter um ritmo e um cronograma de estudos, seguindo o que foi proposto pelos professores nas aulas, o que teve como consequência o decréscimo de notas, reprovação e, em alguns casos, a decisão de interromper o curso para não ser reprovado. Outros 30,5%, apesar de terem muita dificuldade em continuar com as aulas nesse novo formato, buscaram manter uma rotina de estudos e cumprir com a entrega de trabalhos e provas e apenas 17,6% efetivamente tiveram condições de dar continuidade a um ritmo normal de estudos, sem constatar prejuízo em seu desempenho.

c) Tempo dedicado aos estudos

O tempo dedicado aos estudos foi um fator de impacto na vida estudantil visto que, no formato presencial, os estudantes tinham uma média de 20 horas de aulas semanais na graduação, isso quando o curso não é integral. Também se contabiliza o tempo vivido na universidade fora da sala de aula, como, por exemplo, estar na biblioteca, em atividades de estágio, participando de eventos no *campus*, dentre outros. Nesse cenário, 22,9% mantiveram até uma hora de estudo semanal, 34,5%, de duas a três horas, 18,8%, entre quatro e cinco horas semanais, e 23,7%, mais de cinco horas semanais.

No grupo que estudou mais de cinco horas semanais, 45,2% do grupo é formado pelos estudantes mais velhos, ou seja, com mais de 34 anos. Ainda verificamos que os homens relataram ter mais tempo de estudo que as mulheres, sejam os mais novos ou mais velhos (Tabela 1) e ainda evidenciamos que

tanto mulheres quanto homens mais jovens apresentam menor carga horária de estudo. Essa questão do tempo dedicado aos estudos, estando com aulas a distância, diferencia os estudantes em função da idade e do gênero. Tendencialmente, as mulheres e dentre elas as mais velhas necessitam conciliar as atividades de aprendizagem com as responsabilidades domésticas e familiares (IORIO; SILVA; FONSECA, 2020).

Tabela 1 – Carga horária de estudo semanal por gênero e idade

		Carga horária de estudo por semana			
Gênero	Idade	1h/sem	2 ou 3h/sem	4 ou 5h/sem	+5 h/sem
Feminino p = 0,776	Até 34 anos	24,9%	34,8%	19,5%	20,8%
	Mais de 34 anos	21,9%	33,3%	20,0%	24,8%
	Total	24,6%	34,6%	19,5%	21,3%
Masculino p = 0,016	Até 34 anos	22,3%	35,6%	16,4%	25,7%
	Mais de 34 anos	12,1%	28,6%	19,8%	39,6%
	Total	20,4%	34,2%	17,0%	28,4%

Fonte: própria da pesquisa.

d) Informações sobre a situação acadêmica

Todos os estudantes tiveram acesso cotidiano às informações sobre o curso e sobre a instituição por meio e-mail enviado pelas coordenações de curso, diretores dos institutos ou reitores, ou seja, toda a comunicação oficial foi feita de forma on-line. Como todas as universidades ficaram fechadas e as aulas realizadas de forma on-line, algumas instituições optaram por abrir um sistema de revezamento de funcionários e com atendimentos via plantão, com agendamento de horários para reuniões virtuais. Tudo isso se traduziu em uma completa alteração no trabalho administrativo interno nas universidades, por exemplo, alunos da licenciatura que faziam estágio passaram a estagiar nas escolas também de forma on-line. Defesas de trabalho, entrega da cópia impressa do trabalho de conclusão de curso, semanas de estudos, reuniões ou assembléias passaram a ser feitas on-line e os documentos assinados digitalmente.

Na Educação Básica, Bezerra, Veloso e Ribeiro (2021) apontam que houve muitas ações de formação continuada e busca do uso de TIC, mas que várias dificuldades e desafios foram encontrados, tais como o despreparo docente e o baixo acesso dos discentes, o que impactou tanto o ensino superior quanto a educação básica. Esse *déficit* de conhecimento em TIC's já era apontado por Fonseca (2019), pouco antes da pandemia. O Relatório "Retratos da Educação no contexto da Pandemia do Coronavírus" (2020) afirma que a falta de planejamento prévio, a capacitação adequada e as demais condições impostas pelo

caráter emergencial da implementação do ensino on-line e de mecanismos de acesso para os estudantes deixaram marcas que continuarão a desafiar a educação brasileira e, entre tantos, nenhum desafio será maior do que aquele causado pelas imensas desigualdades que marcam a sociedade brasileira e se refletem no contexto educacional, tal como aqui observado em relação à estrutura familiar e de gênero.

e) Fatores emocionais que afetam o acadêmico

Essa nova rotina influenciou 82,3% dos estudantes em relação a sua capacidade geral para estudar e manter os compromissos acadêmicos, enquanto apenas 17,7% consideraram que não houve uma mudança direta em sua motivação ou interesse nos estudos. Com toda essa reformulação das aulas, dos atendimentos e dos processos acadêmicos, os estudantes se mostraram muito preocupados com alguns aspectos específicos. Um fator pessoal de inquietação foi com sua própria saúde mental e/ou física (60,3%), que foram influenciadas tanto pelo confinamento e isolamento social quanto pela condição financeira de muitos estudantes, pois a pandemia gerou um número expressivo de demissões e do índice de desemprego, o que afetou parte de suas famílias e gerou a necessidade de o estudante ter de procurar emprego para ajudar com as despesas e encargos familiares. Outros tiveram de assumir as rotinas domésticas, como limpeza, cozinhar e cuidar de irmãos mais novos ou pessoas idosas, para que seus pais pudessem continuar trabalhando.

Um aspecto mais voltado para a formação acadêmica e que gerou ansiedade para 50% dos estudantes foi a possibilidade de não terminar o ano letivo no tempo previsto e, conseqüentemente, atrasar a conclusão da graduação, o que, em alguns casos, ocorreu pela postergação do ano letivo – algo que foi comum na maioria das universidades públicas brasileiras, que precisaram tanto de equipamentos quanto de tempo para que todos os estudantes e professores pudessem iniciar as aulas on-line com todas as condições estruturais para isso. Face a essas dificuldades, algumas universidades suspenderam as suas atividades por alguns meses, o que de certa forma repercutiu em adiamentos na obtenção da conclusão de curso e, conseqüentemente, na possibilidade de concurso a vagas de estágios e empregos por parte dos estudantes.

Especificamente em relação às aulas on-line, houve preocupação para 9,7% sobre como seriam conduzidas as avaliações e provas, mas o maior receio se concentrou para 40,3% dos estudantes na qualidade do ensino que seria ministrado. Muitos estudantes acreditavam que não seria possível uma transposição didática totalmente on-line. Interessante que, se compararmos os alunos pelo fator idade, os que estavam a cursar até o terceiro ano do curso tinham maior preocupação com a qualidade das aulas (57,9%), enquanto, para os estudantes dos últimos anos, o temor se concentrou no atraso para

a conclusão do curso (97,7%), sendo esta situação transversal às três áreas científicas. Constatou-se, portanto, diferenças mais em relação ao ano do curso do que entre idades ou área de estudos.

Dados todos os aspectos até agora expostos, entende-se que os estudantes vivenciaram situações que alteraram substancialmente sua forma de interagir, estudar e se engajar em atividades acadêmicas, o que, de certa forma, afetou suas condições físicas, emocionais, pessoais e financeiras. Isso conduz a buscar compreender quais são os sentimentos dos alunos em relação à realização de atividades remotas para a continuidade do ano letivo.

A literatura (CONTRERAS; ESGUERRA, 2006; RODRIGUES; CRUZ, 2009; OSTI; BRENELLI, 2013; OSTI; TASSONI, 2000) aponta que os sentimentos podem ser divididos como positivos e negativos e que esses afetam o modo de o estudante se relacionar com seu processo de aprendizagem, podendo interferir em seu desempenho, compromisso e interesse. Identificou-se no grupo investigado que os estudantes manifestaram sentimentos crescentes de: desprezo (15,5%), interesse (20,6%), alegria (21,6%), surpresa (22,7%), otimismo (32,3%), raiva (40,4%), pessimismo (41,7%), expectativa (57%), tristeza (66,6%) e medo (69,3%), ou seja, prevaleceu o medo e a tristeza que são sentimentos negativos, enquanto a expectativa entra como coadjuvante em um cenário de imprevisibilidade e incertezas. Cabe ainda apontar a diferença entre os gêneros masculino e feminino no número de sentimentos positivos e negativos. As mulheres relataram menos sentimentos positivos e mais negativos que os homens, sendo esses resultados com diferença significativa (Tabela 2).

Tabela 2 – Descritivo e comparação por gêneros dos sentimentos apontados

Sentimentos positivos		Sentimentos negativos	
Alegria	21,6%	Tristeza	66,6%
Surpresa	22,7%	Raiva	40,4%
Interesse	20,6%	Desprezo	15,5%
Expectativa	57%	Medo	69,3%
Otimismo	32%	Pessimismo	41,7%
Média	1,54 sentimentos positivos listados	Média	2,34 sentimentos negativos listados
Feminino	1,48	Feminino	2,47
Masculino	1,64	Masculino	2,05
	p = 0,034		p < 0,01

Fonte: própria da pesquisa.

A prevalência de sentimentos negativos ocasiona um decréscimo na disposição geral para as atividades cotidianas. O aluno pode vir a desenvolver uma menor autoestima, menor satisfação e engajamento com a rotina de estudos, o que afeta outras interações, como, por exemplo, participar das aulas on-line ou participar de grupos on-line para a realização de trabalhos. Entende-se que os sentimentos negativos aqui identificados foram desenvolvidos e sentidos em razão do isolamento, condições de moradia e financeiras, alteração nas formas de interação, pois todo o contexto universitário foi alterado num curto espaço de tempo. Sabe-se que a questão afetiva é importante para o processo de ensino e aprendizagem e tem influência sobre ele, uma vez que afeta tanto alunos quanto professores (RODRIGUES; CRUZ, 2009; OSTI; BRENELLI, 2013).

Assumindo que a universidade constitui uma das mais importantes fontes de socialização para os universitários, afirma-se aqui que os sentimentos negativos por eles vivenciados afetaram a forma como as relações foram percebidas no ambiente virtual, influenciando as experiências de aprendizagem, o desempenho acadêmico e o vínculo com a aprendizagem. Pesquisas que associam os sentimentos com o desempenho escolar têm mostrado que alunos que apresentam sentimentos negativos têm maior percentagem de desempenho insatisfatório ou baixo desempenho (OSTI; BRENELLI, 2013; OSTI; TASSONI, 2000). Estes dados destacam a relevância da qualidade pedagógica das aulas a distância, havendo experiências positivas de uso do ensino remoto para fomentar métodos ativos de aprendizagem e conhecimentos práticos nos estudantes (FERREIRA; SUGAHARA; BRANCHI, 2020).

f) Diferenças em função da idade e do sexo

Não foi objetivo direto da pesquisa analisar as idades dos participantes, mas um dado que chamou a atenção em relação ao grupo investigado foi essa variável. Quando se observa a faixa etária, identificam-se diferenças em relação ao acompanhamento das atividades, uma vez que os estudantes mais velhos foram os que mais conseguiram acompanhar as atividades on-line, numa crescente em razão da idade: 26% nos que têm até 20 anos, 30,3%, entre 21 e 24 anos, 41,4%, entre os 25 e 34 anos, e 51%, entre os que tem mais de 35 anos. Esse dado pode ser explicado em razão da maturidade emocional e da responsabilidade com a vida, já que os mais velhos têm uma rotina de trabalho que é conciliada com os estudos na universidade, enquanto os mais novos moram com os pais ou em repúblicas, em que as tarefas são divididas e têm, na maior parte dos casos, a universidade como única responsabilidade e compromisso.

Ao investigar a associação entre afetos e otimismo em estudantes do curso de Pedagogia, Osti e Noronha (2015) afirmam que os alunos mais velhos, por conhecerem melhor a instituição e o corpo docente, assim como têm maior experiência de vida, desenvolvem um conjunto de esquemas cognitivos

que lhes assegura uma tendência a serem mais estáveis e flexíveis frente aos problemas e circunstâncias da vida, o que lhes assegura uma melhor estrutura emocional frente aos problemas do curso.

Em relação ao sexo, constatou-se que 61,7 % das mulheres e 54,8 % dos homens tiveram dificuldade para acompanhar as atividades. Isso talvez retrate o que já é de conhecimento acerca da vida tripla que muitas mulheres assumem ao serem ao mesmo tempo estudantes, mães e profissionais, tendo, portanto, uma maior carga de responsabilidade e de atividades que também foram intensificadas na pandemia, a exemplo de quem precisou dar continuidade à universidade e transferiu toda a atividade profissional para casa, além de ter também de cuidar dos filhos, tudo ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

Em relação às três grandes áreas dos cursos, observou-se que os estudantes da área de biológicas (63,4%) tiveram, assim como os da área de humanas (60,6%), dificuldades em acompanhar as atividades on-line enquanto os das ciências exatas (49,1%) tiveram menos problemas. Uma explicação pode ser o curso escolhido, uma vez que a área de exatas tem em seu escopo uma maior familiaridade com as tecnologias. No entanto, não se pode afirmar, apenas inferem-se esses dados, uma vez que não foi objetivo da pesquisa analisar o sexo ou a área de conhecimento. Mas, por se tratar de um dado que apareceu, considerou-se relevante apresentar ao leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de coronavírus afetou substancialmente todas as atividades didáticas e pedagógicas e exigiu uma reorganização de todo o ensino superior no sentido de dar continuidade às atividades acadêmicas e administrativas da universidade. O objetivo da presente pesquisa centrou-se em verificar em que grau o atual cenário de pandemia comprometeu a capacidade de engajamento dos estudantes em atividades de aprendizagem, identificar os sentimentos positivos e negativos dos alunos em relação à realização de atividades remotas para a continuidade do ano letivo e caracterizar os fatores que envolvem a satisfação e o engajamento dos estudantes com a vida acadêmica no contexto da pandemia da Covid-19.

Os resultados indicam que os estudantes foram impactados pela situação da pandemia e tiveram sua capacidade de engajamento em atividades de aprendizagem alteradas, o que conseqüentemente afetou o acompanhamento de todas as atividades universitárias de forma geral, bem como em relação ao tempo dedicado ao estudo. A saúde mental e física também ficou comprometida. A necessidade de isolamento e ausência de contato com pessoas, sobretudo os colegas e amigos do curso, gerou, para grande parte dos estudantes, um elevado grau de estresse cotidiano. Nesse sentido, a média de sentimentos negativos

vivididos, sobretudo por parte das alunas, suplanta claramente a média de sentimentos positivos, como seria de se esperar.

Também se identificou que os estudantes dos últimos anos, apesar de toda a situação vivenciada, tiveram uma maior tendência a persistir no curso e foram os que mais se dedicaram às atividades acadêmicas, isso porque a preocupação com a formação e com a colação de grau era algo latente. É fato que as condições materiais também foram um fator que muito repercutiu no acompanhamento das atividades, visto que há estudantes que não têm recursos, como *notebook* ou um espaço físico específico para estudar, o que implicou na organização da universidade para tentar resolver, ao menos, a questão da internet e do *notebook*.

Os estudantes vivenciaram situações que alteraram sua forma de aprender e interagir em aula. A pandemia afetou e ainda afeta muitos universitários em termos emocionais e mentais, e isso implica nos sentimentos em relação à realização de atividades acadêmicas. O estudo possibilitou identificar que, para este grupo investigado, os sentimentos foram mais negativos, como o medo, a tristeza e a raiva, vivendo uma constante expectativa de não saber o que irá acontecer e da incerteza de quando as aulas voltarão presencialmente. Talvez mais importante que as aulas seja o contato humano que a universidade possibilita, e a ausência dele pode gerar tantos sentimentos negativos. Os sentimentos negativos acabam alimentando um menor engajamento com a rotina de estudos, o que afeta outras interações, como participar das aulas on-line.

As limitações do estudo passam por não se ter tido uma amostra representativa dos estudantes em termos de idade e de sexo, pois algumas diferenças observadas em função das faixas etárias e do gênero poderiam ser mais aprofundadas. Por exemplo, aponta a literatura, comumente, que as mulheres apresentam níveis mais elevados de ansiedade, certo que no nosso estudo também relatam maior frequência de sentimentos negativos vivenciados no contexto pandêmico. Outra questão é relativa às áreas de estudo para observar se o engajamento muda em relação às áreas específicas, apesar de esta pesquisa não mostrar diferenças nesse sentido. Considera-se que o tema da pesquisa merece continuidade, para levantar dados, como, por exemplo, se houve queda no desempenho de estudantes ou aumento no número de trancamentos de matrícula nas universidades.

Esta pesquisa contribui para entender o impacto que a pandemia teve para a rotina dos universitários e possibilita às universidades pensarem a implementação de estratégias didáticas e administrativas que respondam às dificuldades elencadas. A par das questões tecnológicas associadas ao acesso de estudantes e de professores a equipamentos e qualidade de internet, importa apoiar a formação dos professores para aulas a distância e dos alunos para aprenderem nessas circunstâncias. O objetivo é

maximizar o comprometimento dos estudantes nas suas aprendizagens e nos cursos, prevenindo o insucesso acadêmico e a evasão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. Ensino superior: combinando exigência e apoio. *In*: Almeida, L. S. (org.). **Estudantes do ensino superior: desafios e possibilidades**. Braga, Portugal: ADIPSIEDUC, 2019.

ALMEIDA, L. S. Transição, adaptação acadêmica e êxito escolar no ensino superior. **Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación**, 14(2), 203-215, 2007.

ARAÚJO, A. Sucesso no ensino superior: uma revisão e conceptualização. **Revista de Estudos e Investigación em Psicoloxía Y Educación**, volume 4, n. 02, p. 132-141, 2017.

ARRUDA, J.; SIQUEIRA, L. M. Metodologias Ativas, Ensino Híbrido e os Artefatos Digitais: sala de aula em tempos de pandemia. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, v. 3, n. 1, p. e314292, 12 nov., 2020.

BEZERRA, N.; VELOSO, A.; RIBEIRO, E. Resignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, v. 3, n. 2, p. 323917, 3 jan. 2021.

BRASIL. **Medida provisória nº 934**, de 1º de abril de 2020. Publicado em: 01/04/2020 | Edição: 63-A | Seção: 1 - Extra | Página: 1.

BRASIL. Retratos da Educação no contexto da Pandemia do Coronavírus. Relatório. **Fundação Carlos Chagas, Fundação Lemann & outros**, Outubro, 2020.

CASANOVA, J. R.; ARAÚJO, A. M.; ALMEIDA, L. S. Dificuldades na adaptação acadêmica dos estudantes do 1o ano do Ensino Superior. **Revista E-Psi**, 9(1), 165-181, 2020.

CHITATA, P. A.; NHAMPINGA, D. A. A. Ensino Superior em Moçambique Durante a COVID – 19: Uma avaliação do percurso das aulas baseada em experiências dos estudantes. **Revista moçambicana de psicologia e educação - Psiedu**, dezembro, Vol. 1, Nº 2, 2020.

CONTRERAS, F.; ESGUERRA, G. Psicología positiva: una nueva perspectiva em Psicología. **Diversitas**, Bogotá, Colombia, vol. 2, nº 002, Universidad Santo Tomás, 311 – 319, 2006.

CUSTELO, J. P. Aprendizagem em tempo de COVID – 19: Sacrifício ou exclusão dos alunos das EPC's de Mepaula e Mitange no distrito da Maganja da Costa. **Revista Moçambicana de Psicologia e Educação – PsiEdu**, dezembro, col. 1, Nº 2, 2020.

FERREIRA, D. H. L.; SUGAHARA, C. R.; BRANCHI, B. A. O impacto da COVID-19 no ensino superior: desenvolvimento de atividades remotas em matemática e em estatística. **Revista Tecnologia e Sociedade**, 16, 43, 2020.

FONSECA, G. As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores do 1º ciclo do ensino básico – fatores constrangedores invocados pelos formadores para o uso das tecnologias. **Educação & Formação**, v. 4, n. 2, p. 3-23, 1 maio, 2019.

GREBENNIKOV, L.; SHAH, M. (2013). Monitoring trends in student satisfaction. **Tertiary Education and Management**, 19 (4), p. 301-322.

HIRSCH, C. D. *et al.* Fatores preditores e associados à satisfação dos estudantes de enfermagem. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 28, n. 6, p. 566-572, 2020.

HU, S.; KUH, G. D. Being (dis)engaged educationally purposeful activities: The influences of student and institucional characteristics. **Research in Higher Education**, 43, p. 555-575, 2002.

IORIO, J. Ch.; SILVA, A. V.; FONSECA, M. L. O impacto da covid-19 nos e nas estudantes internacionais no ensino superior em Portugal: uma análise preliminar. **Finisterra**, LV (115), 153161, 2020.

MAGALHÃES, A.; MACHADO, M. L.; SÁ, M. J. Satisfação dos estudantes do ensino superior português. **CIPES**, Matosinhos, p. 63-177, 2012.

OSTI, A.; ALMEIDA, L. S. Satisfação Acadêmica no Ensino Superior. *In*: ALMEIDA, L. S. (org.). **Estudantes do Ensino Superior: Desafios e Oportunidades**. Braga, Universidade do Minho: ADIPSIEDUC, p. 99-114, 2019.

OSTI, A.; ALMEIDA, L. S.; CHICO, B. M.; OLIVEIRA, V. Satisfação acadêmica de estudantes universitários: Construção de uma escala de avaliação. **Educação: teoria e prática**, v. 30, p. 1 – 13, 2020.

OSTI, A.; BRENELLI, R. P. Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem. **Psico-USF (Impresso)**, v. 18, p.417 – 426, 2013.

OSTI, A.; CHICO, B. M.; OLIVEIRA, V.; ALMEIDA, L. S. Satisfação acadêmica: Pesquisa com estudantes brasileiros de uma universidade pública. **Revista E-Psi**, 9(1), 94-106, 2020.

OSTI, A.; NORONHA, A. P. P. Asociación entre afectos y optimismo en estudiantes del curso de Pedagogía. **Revista Colombiana de Educación**, v. 68, p. 195 – 209, 2015.

OSTI, A.; TASSONI, E. C. M. Afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental. **Cadernos De Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), v. 49, p. 204 – 220. 2019.

PERY, M. R. M.; JAMAL, M. V. M.; CASTIANO, N.; MODA, C. Efeitos da Covid-19 no processo de ensino-aprendizagem. Que metodologias a serem adoptadas. Estudo de caso da Escola Secundária Sansão Mutemba - cidade da Beira. **Revista moçambicana de psicologia e educação – PsiEdu**, dezembro, vol. 1, nº 2, 2020.

REASON, R. D.; TERENCE, P. T.; DOMINGO, R. J. First things first: developing academic competence in the first year of college. **Research in Higher Education**, 47, p. 149-175, 2006.

RODRIGUEZ, J. A.; CRUZ, M. F. Análise descritiva da afetividade nos professores em formação na faculdade de ciências da educação da Universidade de Granada. **Rev. Lusófona de Educação** [on-line], n. 14, pp. 125-144, 2009.

SOARES, A. B.; LEME, V.; GOMES, G.; PENHA, A.; MAIA, F.; LIMA, C.; VALADAS, S.; ALMEIDA, L.; ARAÚJO, A. Expectativas acadêmicas de estudantes nos primeiros anos do Ensino Superior. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 70 (1), 206–223, 2018.

SUEHIRO, A. C. B.; ANDRADE, K. S. Satisfação com a experiência acadêmica: um estudo com universitários do primeiro ano. **Psicol. Pesqui.** | Juiz de Fora | 12(2) | 1-10 | maio-agosto, 2018.

TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H.; OLIVEIRA, A. M. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRapee)**, volume 12, n.1, p. 185-202, 2008.